

A Língua de Eulália - Um Novo Olhar na Norma não Padrão

Victor Codeceira

Segundo período de Relações Internacionais

No Livro *A Língua de Eulália* o autor Marcos Bagno trata sobre a Língua Portuguesa e suas variações. O livro tenta quebrar preconceitos que existem na sociedade brasileira sobre o português não padrão. O português padrão é falado por pessoas de uma classe social privilegiada, que tiveram acesso à educação de melhor qualidade. Este grupo da sociedade constitui uma minoria da população brasileira, levando em conta que o país tem uma das piores distribuições de renda do mundo. O português não padrão é falado pela maioria da população brasileira, que vem de uma classe social mais baixa e tem pouca escolaridade. Por ser falado por pessoas com menos influência na sociedade, não goza de prestígio. Por isso grande parte da população com mais anos de estudo, considera o português não padrão errado, tosco, engraçado, etc. Isto tudo é puro preconceito. O brilhante livro do linguísta Marcos Bagno tenta acabar com o preconceito contra as diversas formas não padrão de português, de uma maneira simples, divertida, e explicativa.

Bagno é um dos maiores intelectuais brasileiros da atualidade. Nasceu em Minas Gerais, mas sempre viveu fora do Estado de origem. Hoje é professor da Universidade de Brasília, escritor, e tradutor. Graduado em letras, e mestre em Linguística com investigação sociolinguística pela Universidade Federal de Pernambuco, e Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Bagno iniciou sua carreira literária no ano de 1988, escreveu mais de trinta livros, grande parte dedicada ao público infantil. Sua premiada obra contra a exclusão social através da linguagem é uma referência no país. Bagno faz o leitor refletir sobre as diferentes variações da língua portuguesa, e sobre a educação brasileira, que não reconhece a existência da norma não padrão.

O livro *A língua de Eulália* conta a história de três jovens, Vera, Sílvia, e Emília. As jovens chegam à pequena cidade de Atibaia para passar as férias. Vera tem 21 anos,

e é estudante de Psicologia. Silvia também tem 21 anos e é estudante de Letras. Emilia é a mais nova das três amigas, tem 19 anos e cursa o primeiro período do curso de Pedagogia. As três vão se hospedar na casa de Irene, tia de vera. Irene é uma ex-professora universitária que mora na pequena cidade do interior. Ela se aposentou há alguns anos, mas continua na ativa, escrevendo livros, e dando aulas e palestras. Ângelo é o motorista de taxi que vai pegar as meninas na rodoviária da pequena cidade. Ele é filho de Eulália, que chegou à casa de tia Irene para ser empregada. Como não sabia ler nem escrever, pois era analfabeta, tia Irene deu aulas para Eulália. Com o passar do tempo, Eulália deixou de ser uma simples empregada e passou a ser uma grande amiga, que mora com tia Irene. Ângelo é seu filho, que é taxista. Graças à ajuda de tia Irene, estudou, tem uma profissão e trabalha para sustentar sua família. Eulália fez questão de preparar um grande almoço para receber as visitas. Após a festa, Eulália vai para a casa do filho para poder curtir os netos que estão de férias. Num passeio pelo jardim, as meninas comentam para tia Irene que Eulália fala errado, citando palavras como probremas, os fósfro e môio ingrês. A partir desde momento da história, tia Irene faz uma defesa extraordinária da variação não padrão da linguagem, e explica a sobrinha e as amigas que a fala de Eulália não está errada, ela só não está de acordo com a norma padrão.

Existe um mito no Brasil que se aprende na escola desde pequeno, que só existe no país uma única língua: o Português. No Brasil se fala mais de duzentas línguas indígenas. Comunidades no Sul, e Sudeste ainda falam a língua de seus ancestrais, como o alemão, italiano, e o japonês. Os povos indígenas e as comunidades de imigrantes formam uma minoria da parcela total da população brasileira. Se deixar de lado os imigrantes e índios, ainda assim não se pode dizer que se fala uma língua só no Brasil. Bagno afirma em seu livro “não existe nenhuma língua que seja uma só”. Existem diversas diferenças entre como se fala português no Brasil e em Portugal (diferenças fonéticas, sintáticas, semânticas, e no uso da língua). Mas, as diferenças entre a língua portuguesa não para, existem diferenças entre o português falado no norte do país em relação ao falado no Nordeste, Sul, e Sudeste. A língua portuguesa é falada de diferentes formas por homens e mulheres, crianças e adolescente, por uma pessoa analfabeta ou alfabetizada, por uma pessoa com ensino fundamental e

superior. Os exemplos citados acima são variedades geográficas, de gênero, socioeconômicas, etárias, nível de educação, urbanas, rurais. Nenhuma das variedades é superior a outra. Para ser exato em dar nome a uma língua, precisamos ser precisos. Um exemplo: Está é a língua Portuguesa falada no ano de 2011, no Nordeste, na cidade do Recife, por um homem branco de 45 anos, com ensino superior.

Vale ressaltar que como tudo na terra, a língua evoluiu. Um texto escrito no começo do século XX é diferente de um texto escrito no século XIX, na mesma língua, se ambos tratarem do mesmo assunto. Assim podemos concluir que a língua varia geograficamente, no espaço, e muda com o tempo.

O português padrão, o que se aprende nas escolas brasileiras é falado por uma minoria privilegiada da sociedade brasileira. Isto nos faz refletir, se milhões de pessoas, a maior parte da população brasileira, nas cinco regiões do país fala o português não padrão, é certo considerar isto um erro comum, como gostam jornalistas, grande parte da população das classes mais altas, e gramáticos tradicionais? A resposta é não, nesta situação estamos falando de acerto comum. Esta afirmação pode ser provada, pois o português não padrão tem uma explicação científica, do ponto de vista linguístico, é lógico e pragmático. O conceito de erro deve ser usado para problemas individuais de uma pessoa. O livro cita o exemplo de *cafalo*, e não *cavalo*. Neste caso, a pessoa está cometendo um claro erro de português. Agora se uma pessoa sem muita educação formal diz *pranta* em vez de *planta*, isto é um exemplo de rotacismo, um fenômeno da língua de repetição sistemática da letra *r*. Em todas as línguas existe um padrão não formal, e ocorre o mesmo fenômeno, que não é um erro.

Apesar das diferenças entre a linguagem não padrão e a padrão, existe mais semelhanças entre ambas do que diferenças. Por isso, uma pessoa que fala português pode se comunicar com outra que fale, mesmo que venham de regiões, épocas, ou tenha grau de escolaridade diferente.

O sistema educacional brasileiro trata muito mal os alunos pobres. Quando estes alunos chegam às escolas, as professoras, e psicólogas, tratam eles como se tivessem uma deficiência linguística. Como se sua linguagem fosse inferior, assim resultando um quadro de inferioridade no aluno. Esta situação cria nas crianças menos

privilegiadas um sentimento de rejeição, que ele não tem a mesma capacidade de uma pessoa que nasceu em uma família de maior poder aquisitivo. O professor vai ensinar uma linguagem que está fora da realidade do aluno, assim criando alunos desinteressados e professores frustrados por não conseguir transmitir conhecimento. Está enorme maioria da população brasileira não tem seus direitos linguísticos reconhecidos. Não se tem como inovar no ensino de línguas no país por causa do vestibular, exame para ingressar nas universidades e faculdades no Brasil. Talvez no dia em que os Vestibulares e concursos públicos acabarem, ou pararem de perguntar qual é a grafia certa de uma determinada palavra, seja possível os professores mudarem a forma de ensinar português e outras matérias nas escolas Brasil afora e a educação brasileira dar um salto de qualidade.

O livro *a língua de Eulália* surpreende positivamente o leitor, destinado ao público de qualquer idade, devendo ser lido por alunos de português. De uma forma descontraída e interessante, Bagno conseguiu transmitir seu ponto de vista para o leitor. As pequenas aulas ao longo do livro podem ser lidas com prazer e é fácil entender o assunto. A história das três jovens estudantes dá à impressão de que o autor está lendo uma obra literária, e não uma obra sobre a pluralidade da norma linguística no país. O livro defende uma tese que a primeira vista pode parecer absurda para o leitor, mas o autor demonstra segurança e dá exemplos de um raciocínio lógico por trás de sua teoria. A novela que conta a história das três jovens pode não ter um enredo excelente, e no começo o leitor vai se lembrar do que ele leu no ensino fundamental, mas a história se desenvolve e melhora. Bagno pode não ser um grande escritor de novelas, mas não comete nem um grande erro na obra. Com leitura agradável, deve ser lido por pessoas que não concordem com suas teorias. *A língua de Eulália* é uma aula de tolerância, que vai muito além da linguagem.